

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS Uni-ANHANGUERA
CURSO PEDAGOGIA

**A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA COMO FERRAMENTA
PARA O PROFESSOR EM SALA DE AULA**

GISELA PEREIRA DE SOUZA

LUCIANA DUARTE ROCHA

GOIÂNIA
MAIO/2019

**GISELA PEREIRA DE SOUZA
LUCIANA DUARTE ROCHA**

**A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA COMO FERRAMENTA
PARA O PROFESSOR EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Goiás Uni-ANHANGUERA, sob
orientação da Professora Liliane da Silva
Chaves, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

**GOIÂNIA
MAIO/2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO

GISELA PEREIRA DE SOUZA
LUCIANA DUARTE ROCHA

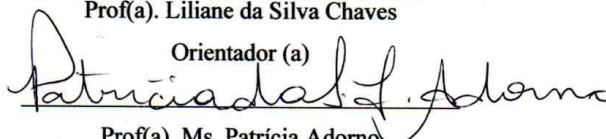
A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA O PROFESSOR EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção da Licenciatura Pedagogia do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, defendido e aprovado em 27 de maio de 2019 pela banca examinadora constituída por:



Prof(a). Liliâne da Silva Chaves

Orientador (a)



Prof(a). Ms. Patrícia Adorno

Membro



Prof(a). Lucas Moraes

Membro

A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA O PROFESSOR EM SALA DE AULA

NEUROLINGUTICAL PROGRAMMING AS A TOOL FOR THE TEACHER IN A CLASSROOM

Gisela Pereira de Souza¹

Luciana Duarte Rocha²

Liliane da Silva Chaves³

RESUMO: A Programação Neurolinguística (PNL), surgiu em 1972, em Santa Cruz, Califórnia, quando John Grinder e Richard Bandler, que estudavam psicologia na mesma universidade decidiram pesquisar sobre três grandes terapeutas, com a finalidade de produzir modelos de terapia que funcionassem na prática e pudessem ser ensinados a outras pessoas. A PNL estuda novas maneiras de entender como a comunicação verbal e não verbal afetam o cérebro humano. Tal programação engloba um grande conjunto de técnicas e abordagens que têm como objetivo alcançar um patamar elevado das relações humanas, mediante o treinamento dos pensamentos do indivíduo, que se traduzem em comportamentos que visam melhorar a vida desse num todo. Também é uma ferramenta que foi desenvolvida para compreender como funciona a mente humana, buscando descobrir como atingir os resultados desejados, ao potencializar a sua capacidade. Pode-se considerar, ainda, que A PNL conta com grande popularidade nas áreas ligadas ao desenvolvimento pessoal, à comunicação interpessoal, bem como criar uma forma de terapia alternativa. Na área educacional, a descoberta propulsiona uma reflexão sobre o ambiente em sala de aula, o professor mediador e a sua utilização efetiva, entendendo a individualidade e o autoconhecimento. Somado a tudo isso, têm-se as técnicas e aplicações da PNL que se mostram muito efetivas dentro da sala de aula. Nesse artigo, são analisadas abordagens que permitem investigar a importância da PNL na ação docente, além de oportunizar que tais métodos sejam aplicados em outros contextos em que se exija melhorar habilidades, comportamento e relacionamento no ambiente escolar. Todos esses mecanismos estimulam aos questionamentos a respeito de como tornar o estudante, um protagonista no seu processo de ensino-aprendizagem, através da aplicação de suas ferramentas que propõe quebrar velhos paradigmas, crenças limitantes e induzir atitudes que despertam o interesse por uma aprendizagem significativa. Deste modo, correlaciona-se a PNL e a inteligência emocional para trabalharem o domínio equilibrado das emoções a fim de construir ações benéficas para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Resultados. Desenvolvimento. Ferramenta. Aprendizagem. Comportamento.

ABSTRACT: Neurolinguistic Programming or PNL emerged in 1972 in Santa Cruz, California, when John Grinder and Richard Bandler, who studied psychology at the same university, decided to study three great therapists in order to produce models of therapy that worked in practice and could be taught to other people. PNL studies new ways of understanding how verbal and non-verbal communication affect the human brain. It encompasses a large set of techniques and approaches that aim to reach a high level of human relations by training our thoughts, which translate into behaviors that aim to improve our life in a whole. Developed as a tool to understand how the human mind works, it seeks to discover how to achieve the desired results by enhancing our ability. PNL counts with great popularity in areas related to personal development and interpersonal communication, as well as a form of alternative therapy. In the educational area, it propels a reflection on the classroom environment, the mediator teacher and its effective use, understanding the individuality and the self-knowledge. The techniques and applications of PNL are very effective within the classroom. In this article, we analyze approaches that allow us to investigate the importance of PNL in teaching action, and also to apply it in other contexts where it is necessary to improve skills, behavior and relationships in the school environment. It stimulates questions about how to make the student a protagonist in his teaching learning process and through the application of his tools, proposes to break old paradigms, limiting beliefs, and induce attitudes that arouse interest in meaningful learning. In this way, we correlate PNL and emotional intelligence that works the balanced domain of emotions in order to build beneficial actions for the construction of knowledge.

KEYWORDS: Results, Development, Tool, Learning, Behavior.

¹Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. (<http://lattes.cnpq.br/9845838678576170>) E-mail: gisela-pereira@hotmail.com.

²Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. (<http://lattes.cnpq.br/5246118197185136>) E-mail: Luciana.d.rocha31@gmail.com.

³Professora Assistente no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/3491431455843659>) E-mail: liliane.chaves@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

No mundo tecnológico no qual os estudantes estão sempre conectados e recebendo estímulos visuais em grande parte do dia, exige-se dos professores, criar incentivos na aprendizagem e na compreensão de como lidar com os conflitos internos e externos. Nesse contexto, surge a Programação Neurolinguística que é uma ferramenta capaz de ajudar tanto os estudantes quanto os professores a alcançar resultados satisfatórios.

A Programação Neurolinguística tem se mostrado de forma positiva para as mais variadas áreas de trabalho, levando o ser humano ao autoconhecimento e ao alcance de seus objetivos. Além disso, ao saber que o papel do educador é mediar o conhecimento, parte-se do princípio que o profissional entra em contato com o mundo de outra pessoa; com um mapa diferente do seu, e nesse, terá que respeitar a individualidade do estudante. Reforça Prado (2014, p. 138):

A Programação Neurolinguística (PNL) ajuda a tornar o professor mais eficiente na arte de ensinar. Por dispor de inúmeras ferramentas práticas, ela tem muito a oferecer ao universo educacional, principalmente em sala de aula. A PNL contribui para que compreendamos mais facilmente o “mapa mundo” – ou o modo de pensar – de alunos. Ajuda-nos também a como melhor e mais facilmente estimulá-los a confiar na sua habilidade de aprender.

Pode-se considerar que a PNL é uma ferramenta educacional, que possibilita criar estados mentais favoráveis ao aprendizado, ao compartilhamento de conhecimento, mapear estrategicamente como o cérebro aprende. E de acordo com Bandler, (1987, p. 5).

Mesmo que muitos praticantes usem a PNL para fazer terapia, tem sido mais apropriado defini-la como sendo um novo e sofisticado processo educacional. Desde a sua criação vem sendo desenvolvidas revolucionárias formas de ensinar às pessoas a usarem seu cérebro para atingir consistentemente os resultados desejados e específicos.

Esse modelo de trabalho motiva nos estudantes o sentido de aprender, que vem, ao longo dos anos, sendo perdido, pois o aprendizado passa a ter um atrativo, já que se vive uma geração que necessita diariamente de estímulos e inovações.

Com a PNL resgata-se a essência, capacitando o discente, positivamente, o que anula as falsas crenças limitadoras das habilidades. De acordo com Murphy (2017, p. 33) “Tudo aquilo que você afirma mental e emocionalmente como verdade o subconsciente aceita e materializa em sua experiência”.

Portanto, o objetivo desse artigo é compreender de forma sistêmica o funcionamento da Programação Neurolinguística enquanto ferramenta educacional e sua contribuição no ambiente escolar.

2 METODOLOGIA

Para compreender o termo- pesquisa bibliográfica- no entendimento das autoras Marconi e Lakatos (2011), afirma que, “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...] (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 43-44)”. Sendo assim, a pesquisa realizada pautou-se na compreensão e na análise acerca do que é a Programação Neurolinguística e as suas contribuições em sala de aula. Conforme Passos (2006) e O’Connor (1995) evidenciam em suas obras, Professor mediador e a neurolinguística na sala de aula e Introdução à programação neurolinguística: como entender e influenciar as pessoas, respectivamente.

3 HISTÓRICO DA PNL, COMO TUDO COMEÇOU

Segundo O’Connor (1995) a PNL- Programação Neurolinguística- surgiu em 1972, em Santa Cruz, Califórnia quando John Grinder, na época professor assistente do Departamento de linguística da Universidade da Califórnia, e Richard Bandler, que estudava psicologia na mesma universidade, decidiram estudar três grandes terapeutas: Fritz Perls, psicoterapeuta e fundador da Gestalt Terapia, Virgínia Satir, extraordinária terapeuta familiar e Milton Erickson, hipnoterapeuta reconhecido mundialmente tinham a finalidade de produzir modelos de terapia

que funcionassem na prática e pudessem ser ensinados a outras pessoas. Essa modelagem, nada mais era que identificar padrões usados e repeti-los para alcançar os mesmos resultados.

Com os estudos, descobriram que os terapeutas tinham personalidades diferentes, mas usavam padrões muito semelhantes. O'Connor (1995) cita que Bandler e Grinder reformularam os modelos estudados e criaram padrões próprios de linguagem com técnicas incríveis. Através destas técnicas eles conseguiam realizar mudanças que as terapias convencionais demoravam anos, fazendo com que seus participantes alcançassem resultados imediatos, apenas facilitando acesso aos recursos próprios que estavam adormecidos em suas mentes.

A modelagem tornou-se, então, o núcleo central da PNL, pois ela trazia à tona os padrões comportamentais de pessoas bem-sucedidas. O'Connor (1995, p. 193) diz: “A modelagem pode ser definida simplesmente como um processo de duplicação da excelência humana”. Para complementar, segundo Passos (2016), o interesse dos criadores e co-criadores da PNL era de aprender o que as pessoas de sucesso faziam em suas mentes para produzir resultados excelentes em tudo que se propunham a realizar.

Antes de adentrar no conceito da PNL, é primordial que se entenda como Murphy (2017) retrata as diferenças da mente consciente e subconsciente. Para ele, trata-se de duas esferas de atividade em uma única mente. Enquanto a consciente raciocina, discrimina, faz escolhas ou toma decisões, a subconsciente dirige as funções vitais do corpo como, digestão, circulação e respiração, sem que o indivíduo necessite interferir conscientemente, ela é a sede das emoções, da criatividade, o repositório da memória e a matriz do hábito.

Para Murphy (2017) o subconsciente não é capaz de julgar, ele aceitará como verdade qualquer informação passada pelo consciente da pessoa. Um exemplo claro é quando ao assistir a um filme de ficção, o consciente capta as informações através dos cinco sentidos, neste caso o visual e o auditivo e passa os dados para o subconsciente, e este por sua vez, não consegue distinguir a autenticidade, por esse motivo o indivíduo se emociona.

Durante a vida o homem faz leituras do mundo através dos cinco sentidos- visão, audição, tato, olfato, paladar- a mente consciente está para proteger o subconsciente das impressões falsas, já que esse não pensa por si mesmo. Sendo assim, a mente consciente tanto pode aceitar uma sugestão como verdade quanto recusá-la. Pode-se verificar, como exemplo, o ambiente escolar, se o professor repete afirmações negativas para o estudante, e seu consciente aceita a sugestão, o seu subconsciente gravará como uma verdade, um paradigma. Assim,

explica O'Connor (1995, p. 10). “Toda mudança ocorre primeiro no nível inconsciente e só depois nos conscientizamos dela. Parte-se do princípio de que: todo aprendizado, todo comportamento e toda mudança é inconsciente”.

A PNL é um estudo de padrões de excelência. Ela apresenta ferramentas para que através de uma linguagem eficiente para o consciente, possa-se ter acesso ao subconsciente, identificando paradigmas limitantes e reprogramando o que foi programado durante as nossas experiências a fim de se alcançar os objetivos. Passos (2016 p. 92) diz: “Em síntese, pode-se afirmar que a PNL estuda como a mente funciona e a maneira de usar a linguagem mental para obter resultados pessoais e profissionais”.

4 PRESSUPOSTOS DA PNL

A PNL tem como princípios básicos alguns pressupostos que servem para guiar todo o trabalho. Já no princípio da estruturação, os autores Bandler e Grinder criaram alguns desses pressupostos; outros ainda estão progredindo juntamente com os estudos sobre as mais variadas funções humanas. Segundo Passos (2016, p. 100), “Acabam formando um conjunto de princípios éticos para a vida e que podem ser empregados em diversas situações, inclusive na educação, na mediação dentro da sala de aula; no relacionamento professor e aluno”.

Os pressupostos da PNL segundo Passos (2016) são:

- Cada indivíduo tem uma percepção diferente da mesma realidade;
- É melhor ter alternativas do que não ter;
- As pessoas já possuem todos os recursos de que necessitam;
- As pessoas são capazes de encontrar recursos internos para resolver situações;
- Um comportamento pode haver diversas intenções aparentemente negativas, contudo haverá pelo menos uma positiva;
- As pessoas optam pela melhor alternativa que dispõem no momento;
- Resultados diferentes requerem atitudes diferentes, se continuar a fazer a mesma coisa terá o mesmo resultado;
- Nos comunicamos todo tempo, mesmo no silêncio a comunicação continua através do corpo;
- A interpretação da comunicação é dada por quem recebe;

- Se algo é possível para alguém, também é possível para você;
- Pode-se aprender qualquer coisa, basta ser exposta da maneira correta;
- Por mais que os resultados não sejam satisfatórios, eles não devem ser considerados fracassos, e sim Feedback de que se deve fazer ajustes para melhorá-los;
- A forma como se vivencia o mundo é apenas um modelo de compreensão.

Os pressupostos acima são empregados de forma a ampliar a visão de mundo dos indivíduos e trazer mudanças significativas. Eles operam como agentes possibilitadores quando transformados em crenças. Para O'Connor (1995, p. 99):

Crenças positivas funcionam como uma autorização para colocar em prática nossas capacidades. As crenças criam resultados. Há mesmo um provérbio que diz: “Quer você acredite que pode ou não pode fazer algo... Você está certo”.

Logo, estes pressupostos necessitam fazer parte da vivência do ser humano, pois podem desvincular o medo, a ansiedade, a incapacidade e ser tornar instrumento fortalecedor de nossas crenças e possibilidades.

5 AS CONTRIBUIÇÕES EFETIVAS DA PNL NA SALA DE AULA

Aprendizagem é um processo amplo que envolve uma ideia de transformação. E quem aprende se modifica e passa agir de acordo com os resultados da aquisição de conhecimento. E não existe a aprendizagem verdadeiramente significativa sem a ação. Na medida em que se proporciona ao estudante a possibilidade de fazer, viabiliza a condição do aprender, e dentro da escola convencional é muito rara a percepção dessa separação entre o aprender e o saber.

Logo, uma sala de aula numa concepção tradicional, onde o professor está à frente transmitindo conhecimento, pode induzir a uma ação e não a uma aprendizagem efetiva. Para que a aprendizagem ocorra e o estudante se transforme é muito importante que exista a ideia do construir, do operacionalizar, do fazer. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº9.394/1996, Inciso IX, art. 4º):

A garantia de padrões mínimos de qualidade de ensino para desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Cabe ao poder público, através dos governos; às famílias, através dos pais e responsáveis e à sociedade, como um todo, ofertar um ensino de qualidade. A qualidade de ensino só pode ser medida sob o enfoque da aprendizagem. Não há qualidade de ensino quando o aluno deixa de aprender. Não há

aprendizagem sem a garantia, a priori, de que as condições objetivas de aprendizagem estão hoje e serão permanentemente asseguradas: dinheiro direto na escola e gestão democrática de ensino.

Embora exista a lei da LDB, que ampara o processo de aprendizagem, a mesma não o assegura, pois envolve mais que a vontade do professor de mediar e ajudar na construção do conhecimento ou mesmo da escola dar suporte, depende de inúmeros fatores para que de fato ela se realize.

Vários filósofos desenvolveram suas teorias sobre a aprendizagem e contribuíram para formar um amplo entendimento. Segundo Díaz (2011, p. 46):

Vygotsky e Piaget acreditam que todo produto mental, principalmente o conhecimento, é inerente a uma autoconstrução do próprio sujeito, adquire dados oferecidos pelos outros ou pelos fenômenos do meio natural e social. E, mais: que pela sua própria experiência de relação com o meio – o qual ele reorganiza e reelabora segundo sua capacidade, suas motivações e interesses – o sujeito adiciona informação de sua própria experiência para “construir” determinado conhecimento (ou habilidade ou afeto ou valorização entre outros).

Ainda de acordo com Díaz (2011, p. 31), o filósofo Watson supõe que a aprendizagem parte da associação entre estímulo e resposta, nesse o estímulo proveniente do meio provoca uma resposta do organismo que, com sua repetição, leva a pessoa a uma associação mental, surgindo, assim, a aprendizagem: o sujeito aprende que, ao aparecer tal estímulo, deverá dar a resposta correspondente, quer dizer, aprendida, podendo também por associação “aproximada”, dar respostas correspondentes a estímulos parecidos.

Agora, a aprendizagem na PNL, segundo Prado (2014, p. 117):

A aprendizagem depende do clima da sala de aula, depende também do estado emocional do professor e do aluno. O professor é quem elicia os estados emocionais favoráveis para um melhor processo ensino-aprendizagem da sua sala de aula.

O professor na sala de aula se comunica com o tom de voz, os gestos, as frases que usa, a expressão facial, a postura e o contato visual. A PNL entra na sala de aula de maneira inovadora e criativa, favorecendo a comunicação, porque o profissional que usa a PNL consegue identificar em seus alunos através da interpretação de sua postura e comportamento suas principais dificuldades e bloqueios. Assim, ele consegue escolher a melhor abordagem para interagir e ser mais eficaz.

Dentro dos pressupostos da PNL, destaca-se o fato que qualquer coisa pode ser aprendida se for abordado de maneira adequada por isso, o papel do professor é determinante

para que o ambiente do aprendizado esteja num clima de bem-estar e predisposto à construção do saber. Conforme relata Prado (2014, p. 158):

Um ambiente de sala de aula que faça uso do humor, longe de críticas e preconceito, para suscitar estados positivos nos aprendizes, estará se valendo de uma técnica de ensino capaz de gerar motivação para que a aprendizagem ocorra com foco, atenção e consolidação de memórias.

Em suma, as práticas constantes das ferramentas da PNL poderão permitir atingir um nível elevado de estados favoráveis da aprendizagem e o professor, ao tomar consciência do seu papel dentro do sistema e sua visão no processo de mediar, despertará a excelência humana.

6 PROFESSOR MEDIADOR E AS TENDÊNCIAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

O professor tem um papel essencial na concepção de novos conhecimentos, sua forma de perceber o processo de aprendizagem transforma e necessita adaptar-se às diferentes linguagens e criar oportunidades para além das situações educativas, ultrapassando a sala de aula. O conhecimento descentraliza-se e flui havendo um encontro democrático, afetivo e efetivo em que os dois, professor e estudante aprendem juntos.

O professor mediador precisa ter uma postura que provoque o estudante à busca de autonomia, fazendo-o atingir um nível de desenvolvimento potencial de forma constante. Além disso, deve ajudá-lo a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades, permitindo um crescimento como pessoa, como cidadão, através da formação do indivíduo pleno, preparado para vida e para o mercado de trabalho. Assim, afirma Passos (2016, p. 40):

Do período colonial até os dias de hoje o professor tem se apresentado como principal articulador e agente indispensável na educação. Por isso insistimos sobre sua posição de mediador no processo, uma vez que nunca foi substituído por qualquer outro meio ou recurso.

No cenário educacional, no Brasil, nem sempre o papel do professor foi visto dessa forma. Saviani (2000) aborda que a educação na década de 70, tende a ser um instrumento de equalização e de discriminação social. Explica também que a educação emerge como um instrumento de correção, que reforça os laços sociais, promove a coesão e garante a integração de todos os indivíduos no corpo social.

A construção da educação brasileira foi pautada em um processo agressivo, desde o princípio na catequização indígena pelos jesuítas, passando pela reforma Pombalina e o período imperial. Para Passos (2016), é natural que ainda hoje os reflexos desse início perverso do processo educativo, em que a figura do professor dominador e autoritário se destaca, pois era esse tipo de liderança que prevalecia nos primórdios de nossa educação. Como destaca Saviani (2000), o desenvolvimento das ideias pedagógicas do Brasil periodicamente divididas:

Tabela 1 - Desenvolvimento das Ideias Pedagógicas no Brasil

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período
1549-1599: Pedagogia basílica	1759-1827: Pedagogia Pombalina	1932-1969: Pedagogia Tradicional e Pedagogia Nova	1969-2001: Pedagogia Tecnicista
1599-1759: Pedagogia Jesuíta	1827-1932: Pedagogia Leiga	1947-1961: Predomínio Pedagogia Nova	1980-1991: Pedagogia Crítico-social e Histórico Crítica
		1961-1969: Crise Pedagogia Nova	Neoescolanovismo e neotecnicismo

Fonte Baseada em Saviani (2000)

Nesse contexto histórico, Paulo Freire, educador, filósofo e pedagogo, que dedicou muitos anos de sua vida ao processo educativo e contribuiu de forma significativa na estruturação da educação brasileira. Saviani (2000) reforça que alguns analistas daquela época viram uma crítica negativa quando, em verdade, ela traduz o reconhecimento do caráter inovador e da importância social, política e pedagógica de Paulo Freire na história da educação brasileira.

Paulo Freire (1996), um defensor do professor mediador, explica que o docente deve reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade e sua insubmissão. E reforça, ainda, que:

Percebe-se assim a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também a ensinar a pensar certo... O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo (Freire, 1996, p. 30).

Portanto, embora o termo professor mediador tenha sido aplicado no decorrer do tempo, ele não é empregado em sua forma absoluta. Com isso, a PNL que é uma base sólida para construir o conhecimento, o aprendizado que desenvolve o pensamento estratégico, que começa

com a definição clara e o ajuste de nosso propósito com os objetivos do educando, respeitando sempre os valores essenciais da vida.

7 AS CONTRIBUIÇÕES DA NEUROLINGUÍSTICA VOLTADAS PARA APRENDIZAGEM

Com a mudança do percurso tecnológico do século XX, começaram a sistematizar as mais distintas “Teorias sobre a aprendizagem”. Segundo Díaz (2011) o interesse pela problemática de aprender, enriqueceu através de choque de ideias em inúmeros experimentos e observações de forma mais voltadas para ciência e tecnologia. Ele cita, ainda, Wallon, Piaget e Vygotsky como sendo nomes que trouxeram muito esclarecimento para essa importante área do conhecimento.

Antes de adentrar nas contribuições da PNL para o campo da aprendizagem, é importante falar brevemente sobre a relação dos envolvidos no processo. Como explica Coll (1994, p. 156):

Certamente, o aluno é o responsável final da aprendizagem na medida em que constrói o seu conhecimento, atribuindo sentido e significado aos conteúdos do ensino, mas é o professor quem determina, com sua atuação, com seu ensino, que as atividades nas quais o aluno participa possibilitem um maior ou menor grau de amplitude e profundidade dos significados construídos e, sobretudo, quem assume a responsabilidade de orientar esta construção numa determinada direção.

A relação professor-estudante vem mudando com os anos. Antes o professor era tido como o “dono do saber”, tudo que ele falava era aceito sem questionamentos. Segundo Aranha (1996), tratava-se de uma relação vertical- em que o saber era doado de cima para baixo- e de autoritarismo – quem tinha conhecimento, mandava.

Nos dias atuais o professor assume um novo papel, o de mediador do conhecimento. Aranha (1996) diz que a relação vertical foi superada dando lugar a relação dialógica, o qual supõe troca, não imposição.

Como mediador, o professor estabelece uma relação de construção concreta entre o educando e a aprendizagem, facilita o processo, descentraliza o conhecimento e aprendem juntos. Contudo, Passos (2016) ressalta que apenas a parceria não é suficiente, esta relação demanda um engajamento ainda maior, sendo assim, o termo melhor utilizado é aliança,

tratando-se de uma conexão ainda forte e qualificam outras junções que abrangem o processo de ensino e da aprendizagem do estudante.

Para que a conexão se estabeleça, é preciso utilizar a comunicação, adaptar-se às variadas linguagens e preocupar-se com a dinâmica da sala de aula e, sobretudo, com o estudante como ser humano. O'Connor (1995) diz: "A comunicação é um relacionamento e não uma transferência unilateral de informação". Passos (2016) complementa dizendo que a PNL considera o estilo de comunicação e de aprendizagem individual dos estudantes, leva o professor a aprender como se comunicar melhor utilizando: palavras (Linguística) que influenciam pensamentos (Neuro) e move para a ação (Programação).

Através dos recursos que a PNL dispõe, o mediador poderá desenvolver algumas habilidades em si mesmo, que beneficiará os estudantes na aquisição da aprendizagem e uma delas é a empatia, que na PNL é conhecida como Rapport. Para O'Connor (1995), tanto no campo da educação como em outros, o Rapport é crucial para construir um ambiente confiável no qual as pessoas interajam livremente. Passos (2016, p. 201) contribui dizendo que: "Espelhar, igualar, imitar ou ajustar-se ao comportamento verbal e não verbal do aluno, é o processo pelo qual se pode estabelecer Rapport".

Quando Passos (2016) apresenta os pressupostos da PNL, ele discorre como esses podem ser usados no ambiente de aprendizagem. Em um deles fala sobre como o indivíduo se comunica a todo tempo; mesmo no silêncio a comunicação continua através do corpo. Por isso, a importância da atenção dos professores a essa linguagem, mesmo quando o estudante não estabelece uma comunicação verbal ele continua a se comunicar.

Em outro pressuposto, o significado da comunicação é dado pelo receptor, Passos (2016) explica que o professor deve usar diversos recursos na comunicação e formas distintas para apresentar o conteúdo em sala, tudo isso para que a comunicação chegue de forma mais efetiva ao estudante, é essencial que ele entenda o que foi dito ou lecionado.

Para o professor é importante compreender em níveis neurológicos como funciona a mente humana para que possa fazer interferências em si próprio e no estudante, a fim de colaborar para a aquisição do conhecimento. Se O'Connor (1995) diz que todo aprendizado, comportamento e mudança são inconscientes, é necessário que o professor tenha noção de como interfere no subconsciente dos estudantes. Para complementar, Passos (2016, p. 163) ressalta:

Muitas vezes o professor não se dá conta do cuidado que deve ter com a linguagem verbal e não-verbal na sala de aula, que pode estar acionando mecanismos poderosos no inconsciente de seus alunos, provocando estados emocionais desfavoráveis ao aprendizado ou a mudança pretendida.

Estes pressupostos são apenas algumas das ferramentas que a PNL apresenta, o importante é que o professor conheça como o estudante aprende e faça a mediação para que ele aprenda a aprender. De acordo com O'Connor (1995, p. 87), “As escolas ensinam às crianças muitas matérias das quais elas esquecem a maior parte, pois em geral não aprendem a aprender. Aprender a aprender exige um nível mais alto de habilidade do que aprender um assunto específico”.

A aprendizagem basicamente é um mecanismo de experimento e falha, orientado ou não. Às vezes requer muitas tentativas. Quanto a isso, O'Connor (1995) explica que o aprendizado provém muito mais do erro do que do acerto. As pessoas fazem da forma que podem, e comparam o resultado com o que querem alcançar, quando tentam novamente fazem de forma que reduza a diferença.

De acordo com Passos (2016), para a PNL são quatro as etapas de aprendizagem, que inicialmente foram desenvolvidas também por Abraham Harold Maslow. Essas etapas oferecem uma estrutura para que se possa entender o processo de aprendizagem. São elas:

- Inconsciente Incompetente: Quando não se sabe que não sabe. Você olha para alguém andando de patins e logo vem a sua mente. “Isto parece fácil, eu consigo fazer” A sua incompetência é inconsciente.
- Consciente Incompetente: Quando se sabe que não sabe. Você calça os patins e percebe que mal consegue ficar de pé. A sua incompetência tornou-se consciente.
- Consciente Competente: Quando se tem o conhecimento e a habilidade, mas não se tornou um hábito. Você treinou e agora consegue andar de patins, mas repete os passos em sua mente, pois qualquer distração o fará cair. Você é competente, mas de forma consciente.
- Inconsciente Competente: Quando a habilidade se torna um hábito. Agora você consegue andar de patins ouvindo música ou pensando na vida, é automático e não se precisa mais pensar no processo. A sua competência está no inconsciente.

No momento em que se fazem as coisas de forma inconsciente, para-se de aprender. Se o indivíduo percorrer sempre o mesmo caminho para o trabalho, jamais aprenderá um novo

caminho. O'Connor (1995) esclarece que os hábitos são de grande serventia, pois organizam de forma simples e lógica atitudes rotineiras das quais não se necessita de criatividade, como por exemplo, amarrar o cadarço do sapato. Quando você cria um hábito, a sua mente está livre para pensar em outras coisas. Entretanto, é uma questão de equilíbrio decidir o que se gostaria de transformar em hábitos, e o que quer continuar a aprender, criando, assim, novas alternativas.

Deve-se explorar ao máximo as experiências, porque existem muitas maneiras distintas de aprender uma única coisa, e é necessário agrupar informações de vários pontos de vista. O'Connor (1995, p. 89) reforça que as ideias deverão ser conectadas a um nível acima, para não ficarem presas a um contexto específico, e que a verdadeira aprendizagem inclui descobrir outras maneiras de fazer o que já se sabe. Ao entender o que se quer alcançar, podem-se encontrar diversos caminhos para chegar até lá.

Logo, pode-se afirmar a importância das ferramentas da PNL para o processo de ensino-aprendizagem. Entende-se, portanto, a necessidade de o professor mediador vivenciar o conhecimento de como funciona as atividades mentais e aprender como utilizar técnicas para reprogramar a mente, desenvolvendo habilidades em si mesmo e em seus estudantes, promovendo, assim, uma aprendizagem mais efetiva.

8 A PNL E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA SALA DE AULA

A emoção tem um papel fundamental na vida do indivíduo, orienta quando ele precisa tomar decisões e estimula para uma ação instantânea. Quando os sentidos desse captam algo que traz emoção, o cérebro registra e rapidamente ativa um programa de ação que provoca uma série de mudanças no corpo. Goleman (2012) explica que diante de uma decisão quanto mais acentuado é o sentimento, maior é o controle que a mente emocional exerce sobre a mente racional. Explica ainda que há bilhões de anos, no começo da evolução biológica, era benéfico que as emoções guiassem a ação rápida, já que diante do perigo, parar para pensar causaria a morte.

Hoje em dia, o termo inteligência emocional, vem sendo muito utilizado, isto porque ele está entre os principais fatores para alcançar êxito na vida profissional e pessoal. Por muito tempo acreditou-se que a inteligência Intelectual (QI) do indivíduo era o fator de maior relevância para o sucesso. Contudo, Goleman (2012) esclarece que o QI coopera com cerca de

20% e os 80% que restaram, variam entre a classe social até a pura sorte. Também ainda diz que dados existentes insinuam que a inteligência emocional pode ser tão ou mais inestimável que o QI, tendo em vista que ela faz criar motivações; controlar impulsos; manter o bom estado de espírito não deixar a ansiedade interferir no raciocínio, deixa as pessoas mais confiantes, empáticos, dentre outras características.

Entende-se então que a emoção é um programa do cérebro que envolve todo o corpo e leva a ação acontecer de forma automática. Deste modo, a Inteligência Emocional é a capacidade de entender os processos emocionais e assim lidar de forma equilibrada com as emoções, de modo que elas possam agir a favor do indivíduo. Segundo Goleman (2012), “O objetivo é o equilíbrio e não a supressão das emoções: cada sentimento tem seu valor e significado”.

E qual é a importância da Inteligência Emocional na sala de aula? Não raro veem-se casos de baixa inteligência Emocional no ambiente escolar, alguns exemplos de casos recorrentes são: professores que desmotivam estudantes, agressividade, violência e bullying. Claramente há uma necessidade de trabalhar as emoções tanto de estudantes como professores para que a sala de aula seja transformada em uma esfera mais propícia à aprendizagem. Goleman (2012, p. 11) relata que:

Em 1995, esbocei as evidências preliminares que sugeriam que o SEL (social and emotional learning) era um ingrediente ativo nos programas que aperfeiçoam a aprendizagem da criança evitando problemas como a violência. Agora é possível afirmar cientificamente: ajudar as crianças a aperfeiçoar sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos perturbadores e aumentar sua empatia resulta não só em um melhor comportamento, mas também em uma melhoria considerável no desempenho acadêmico.

A Programação Neurolinguística está diretamente ligada a Inteligência Emocional, pois ela proporciona na pessoa um maior entendimento das atividades mentais, esclarece que: as crenças influenciam os pensamentos, que tais pensamentos, sejam bons ou ruins vão gerar sentimentos e esses sentimentos mudam o estado emocional e produzem por fim um comportamento. Murphy (2017, p. 14): diz “Assim como a pessoa pensa, sente e acredita, assim é o estado de sua mente, corpo e circunstâncias”.

Então pode-se considerar que tudo começa através da crença, que é criada pela forma individual em que se percebe o mundo através dos sentidos. Suponha-se que o professor autorize o estudante a ir ao banheiro, esse demora em retornar à sala e o professor logo começa

a pensar nos motivos da demora, os pensamentos serão gerados de acordo com as representações mentais que o professor tem sobre confiança ou sobre o comportamento do próprio estudante.

Se as crenças do professor forem boas, ele poderá pensar que aconteceu algum imprevisto que impediu aquele estudante de chegar à sala, se forem ruins imaginará cenas em que o estudante passeia nos corredores por não ter interesse na aula. Qualquer que seja o pensamento gerará um tipo de emoção, e esta resultará em um comportamento. O professor poderá recepcionar o estudante com um sorriso e um aceno de cabeça diante de sua justificativa ou dizer de forma ríspida que da próxima vez não permitirá que ele vá ao banheiro. Diante disto Robbins (2018, p. 56) diz:

Uma vez que não sabemos como são as coisas na realidade, mas só como as representamos para nós mesmos, por que não representá-las de uma forma que nos fortaleça e aos outros, em vez de criar limitações? A chave para fazer isso com sucesso é o direcionamento da memória, a formação de representações que criem com solidez os mais fortalecedores estados para o indivíduo.

Robbins (2018) também cita a fisiologia do indivíduo como algo que influencia na representação mental, tendo em vista que o modo de ver o mundo de uma pessoa vibrante e bem viva é diferente de uma cansada ou doente.

Portanto, percebe-se que a habilidade de lidar com as emoções do ser humano de modo satisfatório é um processo construtivo. É preciso primeiramente substituir as crenças negativas por positivas, melhorar a nossa fisiologia, focar no lado bom das experiências e sequencialmente mudar os pensamentos. Murphy (2017, p. 58) diz: “Se você pensa de forma negativa, destrutiva, perversa, esses pensamentos geram emoções destrutivas que têm que ser expressas e precisam encontrar um escoadouro”. Revertendo os pensamentos negativos para positivos consequentemente dar-se-á um novo caminho para as emoções.

9 CONSIDERAÇÕES

Com base ao que foi exposto neste artigo, foi possível compreender a importância da PNL como ferramenta educacional e sua aplicação efetiva na sala de aula. Desde sua primeira aparição como um meio de modificar os processos educacionais, ela propõe aumentar os recursos do professor, aprendendo a fazer a gestão dos múltiplos conhecimentos que os estudantes nos trazem hoje.

Em sala de aula, mais do que um método pedagógico, a PNL vem se apresentando como um eficaz instrumento de ajuda ao professor na construção do saber e na formação crítica, pois requer uma mudança de mentalidade e, conseqüentemente, mudança de postura diante do estudante, que começa com a internalização de pressupostos, os quais provocarão uma revisão nos seus próprios níveis lógicos. Essa mudança oportuniza uma completa reestruturação dos próprios valores e crenças a respeito da Educação e do papel do Educador.

O objetivo deste artigo foi, portanto, compreender de forma sistêmica o funcionamento da Programação Neurolinguística enquanto ferramenta educacional e sua contribuição no ambiente escolar, bem como a quebra de vários paradigmas. Desta maneira, a Programação Neurolinguística é uma ferramenta que possibilita o desenvolvimento de habilidades de comunicação durante as aulas, auxiliando o professor no acompanhamento do aprendizado do estudante, e não apenas na transmissão do conteúdo científico.

No entanto, a PNL é um instrumento a ser utilizado de modo a proporcionar uma série de técnicas e reflexões no intuito de descobrir como se comunicar diretamente com seu próprio inconsciente, sem intermediários; obter dele toda a atenção e cooperação que queira para mudar, melhorar, avançar e atingir picos de desempenho e excelência em todas as áreas da vida, inclusive na Educação.

Portanto, a PNL propõe uma mudança de mente e resultados, sendo preciso à criação de possibilidades para uma aprendizagem significativa e efetiva, e que a relação professor e estudante seja pautada em uma abordagem mais humana, com empatia que ambas as partes tenham como ganho o verdadeiro conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª ed. - São Paulo, 1996.
- BANDLER, Richard. **A Estrutura da Magia**, 1ª ed. - São Paulo, 1982.

COOL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. 1ª ed. – Porto Alegre, 1994.

DÍAZ, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. 1ª ed. - Salvador, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30ª ed. – São Paulo, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2ª ed. – Rio de Janeiro, 2012.

LBD: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7ª ed. - São Paulo, 2011.

MURPHY, Joseph. **O poder do subconsciente**. 72ª ed. – Rio de Janeiro, 2017.

O'CONNOR, Joseph. **Introdução à programação neurolinguística: como entender e influenciar as pessoas**. 7ª ed. - São Paulo, 1995.

PASSOS, Jair. **Professor mediador e a neurolinguística na sala de aula**. 1ª ed.- Curitiba, 2016.

PRADO, Alexandre. **PNL para professores**, 1ª ed. - São Paulo, 2014.

ROBBINS, Tony. **Poder sem limites. A nova ciência do sucesso pessoal**. 32ª ed.. Rio de Janeiro. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 33ª ed. - Campinas, 2000.